

Supervisão pedagógica: função do professor cooperante na escola durante o estágio

Supervisión pedagógica: función del profesor cooperante en la escuela durante la prácticum pedagógica

Natália Lopes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) – Portugal
natamlopes@hotmail.com

Fecha de recepción 17-02-2019
Fecha de aceptación 20-05-2019

Lopes, N. (2019). Supervisão pedagógica: função do professor cooperante na escola durante o estágio. *Revista Practicum*, 4(1), 55-69.

Resumo

Após a formação acadêmica (onde se passa por diversas disciplinas, todas importantes e relevantes) surge o contacto direto com a realidade profissional - o Estágio Pedagógico (requisito curricular obrigatório), onde os alunos que ainda não exercem a docência podem aprender com aqueles que já possuem experiências na atividade docente e que exercem uma supervisão pedagógica eficiente e determinada que integre o estagiário no universo da escola - o professor cooperante. O presente artigo tem como objetivo primordial apresentar o perfil/papel do professor cooperante nos estágios supervisionados no âmbito da docência no ensino básico e as suas contribuições nesta caminhada sob a sua ótica, já que este desempenha um papel essencial para a concretização do estágio favorecendo a articulação entre a instituição de ensino superior (professor orientador de estágio), estagiário e a escola onde se realiza o estágio. O *locus* deste texto é portanto a orientação do estagiário por parte do professor cooperante da escola básica, e não por parte do professor orientador.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado, Orientador, Estagiário, Professor Cooperante.

Resumen

Tras la formación académica donde se pasa por diversas disciplinas, todas importantes y relevantes, surge el contacto directo con la realidad profesional -la Prácticum Pedagógica-, requisito curricular obligatorio, donde los alumnos que aún no ejercen la docencia pueden aprender con aquellos que ya tienen experiencias en la actividad docente y que realizan una supervisión pedagógica eficiente y determinada que integre al aprendiz en el universo de la escuela - el profesor cooperante. El presente artículo tiene como objetivo primordial presentar el perfil / papel del profesor cooperante en las prácticas supervisadas en el ámbito de la docencia en la enseñanza básica y sus contribuciones en esta caminata bajo su óptica, ya que éste desempeña un papel esencial para la concreción del Prácticum, favoreciendo la articulación entre la institución de enseñanza superior (profesor orientador de Prácticum), estudiante en prácticas y escuela donde se realiza el Prácticum. El foco de atención de este artículo es, por lo tanto, la orientación del estudiante en prácticas por parte del profesor cooperante de la escuela básica, y no por parte del profesor tutor académico.

Palabras Clave: Prácticum Curricular Supervisada, Tutor, alumno, Profesor Cooperante.

1. Introdução

O século XXI trouxe enormes mudanças na sociedade e, conseqüentemente, na escola e nos professores. A escola teve que “abrir portas” à inovação e à mudança de práticas e os professores passaram a estar abertos às críticas construtivas uns dos outros, começaram a trabalhar em conjunto e a preparar-se científica e também pedagogicamente para desenvolver e, concomitantemente, melhorar os processos de ensino-aprendizagem. Neste contexto, o estágio supervisionado continuou a ter um papel preponderante embora tivesse sido necessária uma adaptação cada vez maior dos currículos das licenciaturas em ensino, passando, por exemplo, a formação inicial dos professores a incluir o mestrado para se poder lecionar. Na verdade, a transformação da estrutura dos ciclos de estudos do ensino superior, no contexto do Processo de Bolonha demonstra o esforço de elevação do nível de qualificação do corpo docente com vista a reforçar a qualidade da sua preparação e a valorização do respetivo estatuto socioprofissional (Decreto-Lei nº 43/2007).

No que concerne ao estágio supervisionado efetivamente este “(...) concede aos alunos futuros professores inúmeras oportunidades que de outra maneira não lhes seriam dadas, tais como: aplicação em contexto prático das competências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso; aquisição de novos conhecimentos e competências que advêm das várias experiências práticas que surgem no decorrer do estágio ou até mesmo aprimorar os já existentes; a de testarem o seu compromisso com uma carreira profissional; a oportunidade de identificarem as áreas (pessoais e profissionais) mais fortes e onde se sentem mais à vontade, bem como as áreas mais frágeis que necessitam ainda de algum aperfeiçoamento e, ainda, a oportunidade de desenvolverem uma visão mais realista do mundo do trabalho em termos daquilo que lhes é exigido e das possibilidades que o mesmo lhes poderá oferecer” (Lopes & Bastos, 2017, p. 75).

A acompanhar o estágio supervisionado¹ dos professores em formação está um professor da universidade em que o estagiário está inscrito, da sua área científica de formação (o professor orientador da universidade) e o professor orientador de escola (professor cooperante) que é o que acompanha, com maior proximidade, os trabalhos dos estagiários ao longo do seu estágio pedagógico. Nesta caminhada é fulcral que entre o orientador, o professor cooperante e os estagiários se estabeleça, desde cedo, uma relação aberta e de confiança que facilite a aceitação, por parte dos estagiários, das críticas construtivas apresentadas pelos orientadores de modo a que estes sejam orientados

¹ Nos cursos de formação de professores espera-se que o estagiário permaneça por um determinado período de tempo na escola e/ou em sala de aula sendo orientado pelo professor da escola básica (professor cooperante) e pelo professor da universidade a fim de se aproximar do seu futuro campo de atuação, da profissão de professor e das suas práticas.

na direção adequada antes da sua iniciação na profissão. Daí se reconhecer o valor formativo da parceria entre a universidade e a escola na formação dos estagiários. Tal como Pimenta e Lima (2004, p. 107) considera-se que “uma parceria mais viva e eficaz entre a universidade e a escola” tenderia a proporcionar mais conhecimentos e aprendizagens para ambas as partes. Na verdade, o orientador da universidade e o professor cooperante são elementos essenciais no percurso dos estagiários, pois ajudam a dissipar qualquer escuridão e a descobrir o sentido de ser professor, uma vez que são mediadores e parceiros no processo formativo dos futuros professores (Lopes & Bastos, 2017, p. 78). Diversas são as características consideradas importantes na condução de um processo de supervisão pedagógica. Como sublinham Alarcão e Tavares (2007, p. 45): “a supervisão implica uma visão de qualidade, inteligente, responsável, livre, experiencial, acolhedora, empática, serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois (...)”.

Considerando que várias pesquisas têm sido realizadas sobre os atores do processo de estágio (Albuquerque et al., 2005; Crasborn, Hennissen, Brouwer, Korthagen, & Bergen, 2011; Lopes & Bastos, 2017), neste artigo importa dar voz ao professor cooperante por ser um elemento central do processo de orientação. Assim, o propósito central deste estudo foi procurar compreender o modo como os professores cooperantes se posicionam no exercício das tarefas de orientação.

Trata-se de um estudo descritivo baseado em revisão de literatura de abordagem qualitativa, além da própria percepção a respeito do assunto abordado. A obtenção dos dados realizou-se por meio da pesquisa de capítulos de livros e artigos e pelo contacto com alguns professores cooperantes do concelho de Vila Real ao longo do ano letivo de 2016/2017.

Discorre-se inicialmente sobre a pertinência do estágio supervisionado na formação de professores. Posteriormente, aborda-se cada um dos três intervenientes do estágio profissional na formação de professores (professor cooperante, professor orientador e estagiário) dando maior atenção ao papel e ação do professor cooperante.

2. O estágio supervisionado na formação de professores: alguns apontamentos

O futuro professor ao chegar ao momento da prática (estágio) estará sob a orientação de profissionais experientes (professor orientador da universidade e professor cooperante da escola) que constroem um repertório de exemplos, imagens, compreensões e ações frente a novas situações que se apresentam na prática dos seus alunos. Efetivamente, são mobilizados pelos formadores de professores nas ações formativas “um amálgama de diferentes saberes, provenientes de fontes diversas, que são construídos relacionados e mobilizados pelos professores de acordo com as exigências de sua atividade profissional” (Tardif, 2012, p.

61). Na verdade, é na formação inicial de professores que estes adquirirem os conhecimentos (teóricos, disciplinares e didático-pedagógicos), chamados de saber curricular (organizado e selecionado segundo as instituições de ensino e as disciplinas curriculares), que irão favorecer a atuação do estagiário no estágio supervisionado e que contribuirá para a prática pedagógica dos futuros professores (Imbernón, 2005).

É no momento da realização do estágio supervisionado (uma componente curricular essencial entre as várias disciplinas que compõem o currículo acadêmico dos cursos acadêmicos) que se realiza o confronto da teoria ensinada com a prática vivenciada no cotidiano das escolas, pois é aí que o estagiário utiliza os saberes adquiridos ao longo da sua formação. É mediante o estágio supervisionado que os conhecimentos, adquiridos ao longo dos vários anos do curso, são refletidos, analisados e reformulados. É nesse momento que o estagiário e os orientadores (o da universidade e o da escola) refletem sobre a realidade escolar e conseqüentemente analisam as ligações existentes entre a escola e as teorias estudadas no processo de formação acadêmica dos diferentes cursos acadêmicos.

No decorrer do estágio supervisionado, pode-se descobrir a realidade do que é ser professor, pode-se lidar com novas experiências, adversas ou não, enfrentar desafios e, a partir disso conseguir analisar e reformular os principais aspectos e alcançar a superação, já que o estágio possibilita uma aproximação da realidade da sala de aula e da escola, propiciando a oportunidade do estagiário se aproximar da realidade na qual atuará futuramente. Essa possibilidade antecede a profissão de professor e permite compreender a carreira docente, pois é no *locus* do estágio que a identidade profissional do aluno é gerada e construída, é quando a teoria começa a dialogar com a prática.

Assim, o estágio supervisionado pode ser considerado como "o momento em que o aluno revela a sua criatividade, independência e caráter. (...) O estágio curricular supervisionado é, durante os estudos, a disciplina que conduz à descoberta de meios importantes para o preparo do trabalho a ser executado em qualquer profissão". (Bianchi et al., 2005, p.1). A responsabilidade do estágio é, portanto, muito grande, uma vez que se propõe possibilitar ao estagiário a vivência da sua futura prática.

Nesta caminhada o papel do professor, que recebe e orienta os estagiários, é essencial e importante "(...) e deve ser evidenciado e valorizado" Benites (2012, p. 21). Segundo Martínez e Raposo (2011, p. 97) ele "(...) facilita o contacto com a futura realidade profissional e atua como um modelo baseado no "deixar fazer". A sua principal responsabilidade baseia-se na promoção de situações de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento formativo dos alunos na prática", ou seja, deve apoiar e orientar o futuro professor proporcionando-lhe ambientes formativos que estimulem um "saber didático", que contribuam para a ampliação da visão do que pode ser o ensino e das variadas metodologias e estratégias de ensino disponíveis, a promoção do

autoconhecimento e da reflexão sobre as próprias práticas e a transferência de conhecimentos úteis para a prática profissional dos formandos (Alarcão & Roldão, 2008).

2.1. O ciclo da supervisão

Sendo a supervisão pedagógica um processo, um trabalho contínuo ao longo de cerca de um ano letivo passa, obviamente, diversas fases. Assim, pode-se dizer, de acordo com Trindade (2007), que a supervisão pedagógica, independentemente do modelo que segue, deve de ter três etapas distintas: observação, reflexão, avaliação.

A primeira etapa é a da observação. Observar é muito mais do que ver, é assistir com um suporte teórico e com uma determinada finalidade. Assim, há um observador que planeia a observação selecionando ou criando instrumentos para a realizar com um objetivo, o que é observado que, no caso da supervisão pedagógica, é a prática pedagógica do estagiário. A observação possibilita a recolha de informação sobre as capacidades e comportamentos do observado. Essa informação recolhida terá uma de duas funções, inicialmente a de detetar os pontos fortes e os pontos fracos do estagiário para poder orientar o processo de ensino-aprendizagem que ele desenvolve com os seus alunos e, em última instância, a de produzir juízos de valor sobre esse mesmo comportamento.

Posteriormente, deve também ser dado espaço ao estagiário para refletir (etapa da reflexão) sobre o que se passou durante os processos de ensino-aprendizagem com os "seus" alunos e sobre os seus próprios comportamentos e atitudes. Esta reflexão deve ser fomentada e orientada pelo orientador utilizando as reflexões e informações fornecidas pelo estagiário mas também a informação recolhida na observação realizada.

A etapa final do processo de supervisão pedagógica é a da avaliação, existindo a avaliação formativa e a sumativa. A avaliação formativa é aquela que se vai realizando ao longo de todo o ano letivo e que decorre das observações realizadas pelo orientador do estagiário quando se desloca à sala de aula e pelo professor cooperante e da troca de ideias entre os três intervenientes. A função desta avaliação é a de salientar os aspetos positivos e os aspetos negativos do modo de atuação do estagiário para que este mantenha os comportamentos adequados e corrija os menos próprios e, sobretudo, para que reflita sobre o modo como conduz o processo de ensino-aprendizagem com os seus alunos. Inevitavelmente, no final do ano letivo, será necessário a formulação de juízos de valor sobre o processo de ensino-aprendizagem conduzido pelos estagiários e sobre as suas capacidades para encetarem a carreira docente e é o orientador e o professor cooperante que o acompanharam durante todo o ano letivo que são chamados a formar esse juízo de valor e fazer uma avaliação sumativa.

3. Perfil /papel de competências do professor cooperante face ao estagiário

O Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de Fevereiro, revia em Portugal, as condições da atribuição de habilitação para o exercício da atividade docente na educação básica e no ensino secundário². No que se refere ao orientador de escola, este passa a ser denominado de professor cooperante que é um professor habilitado, que receciona o estagiário na escola para a realização do estágio profissional e media a relação deste com a prática pedagógica.

As características necessárias ao exercício, com qualidade, das funções de professor cooperante, orientador da formação de professores, são várias e diversificadas. Algumas características, que constituem condições essenciais às funções de orientador de estágio são definidas como pré-requisitos. Os pré-requisitos englobam o conjunto de condições a que deve obedecer qualquer docente que se proponha como professor cooperante.

As competências identificadas como necessárias ao exercício pedagógico foram sistematizadas, por motivos de operacionalização do perfil de competências, em atributos e competências pedagógicas. Os atributos referem-se ao conjunto de características técnico-profissionais que definem o professor competente. Estas características são importantes, necessárias e concorrem para a eficácia das funções do professor cooperante. Desejavelmente devem estar presentes desde o início das funções de orientação, devendo constituir critério de seleção inicial dos professores cooperantes, de entre a grande panóplia de docentes que cumprem os pré-requisitos. As competências pedagógicas englobam os conhecimentos, aptidões e atitudes que todo o professor cooperante deve possuir, porque são indispensáveis aos processos de ensino e aprendizagem.

Consideram-se pré-requisitos para as funções de professor cooperante (Decreto-Lei nº 43/2007):

- Ter um grau da especialidade.
- Possuir pelo menos três anos de atividade docente à data de início de funções como professor cooperante.
- Manifestar motivação e disponibilidade para a função.

Consideraram-se atributos (Decreto-Lei nº 43/2007):

- Responsabilidade profissional.
- Segurança técnico-profissional como professor e capacidade de gerir e mobilizar recursos.
- Capacidade de análise e de crítica.
- Domínio da metodologia básica de investigação.
- Comunicação eficaz, oral e escrita, nos múltiplos contextos profissionais.
- Capacidade de estabelecer relações de cooperação e apoio.

² Definia as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência num determinado domínio e determinava, ao mesmo tempo, que a posse deste título constituía condição indispensável para o desempenho docente, nos ensinos público, particular e cooperativo e nas áreas curriculares ou disciplinas abrangidas por esse domínio.

Estas competências são mobilizadas em todo o processo de orientação, devendo, no seu núcleo, estar adquiridas no momento em que um professor aceita assumir a responsabilidade de acompanhar e promover a aprendizagem de um estagiário.

3.1. Funções

Neste âmbito, designadamente nas instituições públicas de formação em Portugal, os documentos reguladores definem de forma concreta as tarefas e papéis do professor cooperante. Assim, as funções são:

- Receber o estagiário (futuro professor).
- Colaborar e orientar o estagiário dentro do espaço escola e no contexto de sala de aula (cede ao estagiário a documentação necessária e os conteúdos curriculares que deverá trabalhar com os alunos de modo a cumprir com o programa das diferentes componentes do currículo).
- Supervisionar os planos de aula, verificando se o tempo previsto no plano de aula condiz com o necessário para aquele conteúdo ser desenvolvido, averiguando se as atividades/recursos propostos vão ao encontro dos alunos e constatando se a avaliação preparada está de acordo com o conteúdo a trabalhar na sala de aula.
- Apoiar na elaboração dos planos de aula e do relatório de estágio.
- Presenciar às aulas do estagiário.
- Auxiliar os estagiários na aplicação crítica, criteriosa e reflexiva dos inúmeros conhecimentos.
- Contribuir para a elaboração e construção de outros conhecimentos.
- Subsidiar, estes futuros professores, a enfrentarem situações problematizadoras em que eles se depararão no exercício da docência.
- Avaliar o percurso e o desempenho do estagiário e apresentar parecer avaliativo.
- Enviar ao professor orientador (da Universidade) as informações necessárias da atuação do estagiário para que intervenções de aperfeiçoamento da aprendizagem sejam realizadas.

Segundo Vieira (1993) as funções gerais do professor cooperante, são:

- *Informar* - é fundamental fornecer informação relevante e atualizada, no âmbito da supervisão, observação e didática, em função dos objetivos e necessidades de formação do estagiário.
- *Questionar* - o professor cooperante deve ser capaz de problematizar, interrogando sobre a realidade que observa, equacionando os problemas da prática e procurando opções alternativas.
- *Sugerir* - deve propor ideias, práticas, soluções, que motivem e impulsionem a realização de projetos e aulas pelos quais ambos se responsabilizam juntamente.
- *Encorajar* - no âmbito do relacionamento interpessoal, na medida em que a carga afetiva pode influenciar o equilíbrio emocional do

professor, assim como a sua postura global face ao processo de formação profissional.

- *Avaliar* – deve fazer um juízo de valor sobre a prática do estagiário. A avaliação deve ser focada no seu sentido formativo, essencial à monitorização da prática pedagógica, e não de classificação.

Para Reis (2011) as funções essenciais do professor cooperante são 3: acompanhar, ajudar e orientar o trabalho dos estagiários clarificando as regras das planificações, os objetivos da aula, as estratégias para a sua concretização e a possibilidade de diferenciação em relação a alguns alunos. Deve ainda reconstruir, em conjunto com o estagiário, os acontecimentos da aula, solicitar-lhe uma reflexão sobre o que considera ter corrido bem na aula, o que gostaria de melhorar e como, e referir eventuais situações atípicas. Deverá também descrever os comportamentos observados em vez de os avaliar, ser concreto e específico, centrar-se em comportamentos que o estagiário tenha capacidade para modificar, e por fim, apresentar sugestões construtivas.

O papel do professor cooperante é por isso fundamental, pois deverá propiciar as condições para que o estágio se realize de maneira honesta e proficiente para o estagiário, para os alunos da escola, bem como, para a escola como instituição de ensino e corresponsável pela formação inicial de professores. Ele é, no campo de estágio, um observador *in loco*, participante das ações dos estagiários na sua turma caso seja necessário. Segundo Francisco (2001) os professores cooperantes, são extremamente importantes, pois a supervisão exige a clareza conceitual embasada numa relação entre “supervisor e supervisionado” via processo de ajuda, orientação e colaboração num clima relacional positivo; pautada num trabalho metodológico variado decorrente de uma série de atividades que venham ao encontro das necessidades dos estagiários num determinado momento do processo, por meio de um procedimento avaliativo permanente e global.

Para as autoras Pimenta e Lima (2004, p.127) a função do professor cooperante “ (...) será, à luz da teoria, refletir com os seus alunos sobre as experiências que já trazem e projetar um novo conhecimento que resinifique suas práticas, considerando as condições objetivas, a história e as relações de trabalho vividas por esses professores-alunos”.

4. Perfil /papel do professor orientador da universidade face ao estagiário

Apesar da reflexão que aqui se apresenta se focar essencialmente no professor orientador da escola de educação básica, pois a prática de Ensino Supervisionada na ótica do professor orientador da universidade já foi abordada anteriormente (Lopes & Bastos, 2017), é importante reafirmar que o papel dos professores formadores (orientadores de estágio da universidade) é também muito importante no processo formativo dos professores estagiários. Reconhece-se a grande influência

que o orientador (da universidade) exerce na formação dos futuros professores e a importância do seu papel de aconselhar, partilhar saberes e experiências.

Vieira (1993), Zeichner (1993), Francisco (2001) e Alarcão e Tavares (2007) enfatizam como, Lopes & Bastos (2017), o papel fundamental de supervisão pedagógica dos professores formadores da universidade, responsáveis pelos estágios, que exercem na preparação dos estagiários futuros professores, na medida que este trabalho propicia um ambiente formativo em que os estagiários utilizam os conhecimentos teóricos aprendidos na Formação Inicial em situações concretas de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que também potencializam novos conhecimentos profissionais.

Os orientadores fazem visitas regulares aos espaços de atuação dos estagiários. Assim, ao longo de cada semestre é comum o professor orientador assistir a duas ou três aulas de cada orientando. Esse número não é fixo e varia de acordo com a necessidade de cada estagiário, ou da resolução de cada instituição, ainda que seja apenas uma referência e não uma norma rígida a ser cumprida. Essas visitas são combinadas e agendadas previamente com os estagiários.

Independentemente do número de aulas agendadas, o acompanhamento do orientador está presente em todas as etapas, desde a escolha do local do estágio, a observação desse local, o planeamento, o desenvolvimento e até à avaliação do mesmo. Enfim, é um mediador que responde pelas práticas pedagógicas dos seus orientandos.

5. Caminhada do estagiário ao longo do seu estágio profissional

Depois da atribuição da escola e da definição do seu orientador no *campus* da escola (aqui definido como professor cooperante) o estagiário (aluno que assumirá a função de professor) realiza várias etapas:

- Estabelece contato inicial com a escola selecionada para cumprir formalidades (conhecer a direção do agrupamento de escolas que o receberá, saber os seus horários e tomar conhecimento de quem será o orientador que o acompanhará no desenvolvimento das atividades que ocorrem naquele espaço).
- Contata com o professor cooperante (orientador de estágio na escola, seu "companheiro de caminho").
- Realiza a pesquisa e análise documental (Regulamento Interno, Projeto Educativo, Plano Anual de Atividades).
- Participa em reuniões - conselhos de Turma, reuniões com os encarregados de educação e todas as convocadas quer pelo supervisor quer pelo orientador.
- Respeita os valores, as normas e os documentos orientadores da vida institucional.
- Elabora os planos de aulas (com indicação do supervisor e ajuda do professor cooperante).

- Assume a responsabilidade da turma promovendo uma prática educativa contextualizada com as características dos alunos e da comunidade e com as prioridades e os objetivos do projeto educativo e curricular da escola de modo a que os alunos possam atingir as metas curriculares.
- Responde com profissionalismo às tarefas solicitadas demonstrando conhecimentos.
- Estimula o interesse dos alunos e proporciona momentos de aprendizagem.
- Cumpre as orientações dos orientadores de estágio e dos professores cooperantes na elaboração, execução e avaliação dos respetivos projetos de intervenção socioeducativa.
- Constrói e apresenta o relatório de estágio.
- Avalia e auto avalia o seu processo de estágio.

É no contexto de estágio que o estagiário experiencia a própria dialética do exercício profissional em contexto próprio, mediante efetivas situações culturais, sociais, políticas e históricas. Por isso, estagiar é muito mais do que dar aulas: é, essencialmente, inserir-se no espaço escolar, conhecer essa realidade, identificar os seus problemas, procurar soluções pertinentes, ensinar, instigar a aprendizagem de todos os alunos. O aluno estagiário recebe formação, por parte da universidade e também por parte da escola, para tornar-se professor.

6. A orientação do estágio num curso de formação de professores: a visão de um professor cooperante (o professor orientador na escola)

Cada professor cooperante tem determinadas características que o distingue dos outros professores cooperantes da mesma escola ou do mesmo grupo disciplinar. Na verdade, estes são diferentes em termos de conceções pessoais, profissionais e de experiência. Assim, também cada núcleo de estágio apresenta determinadas características do seu professor cooperante e certas partilhas pedagógicas. Por isso, entre as muitas atividades que cada professor cooperante pode desenvolver ao longo do processo de supervisão elencam-se apenas algumas. Na verdade, ao longo de um período de estágio é natural que se dê algum suporte teórico aos estagiários, se faculte documentação essencial da vida da escola (projeto educativo, regulamento interno) para que façam uma leitura atenta e assim possam realizar uma prática contextualizada, se orientem quanto à elaboração do plano de aula, se dissipe e sane dúvidas, sugira leituras, forneça o *feedback* da atuação docente para que possam aperfeiçoar a sua prática pedagógica e avalie a sua prestação em contexto de sala de aula já que a avaliação final do estagiário também contempla a avaliação do professor orientador da escola.

Apesar do trabalho desenvolvido ser amplo e demandar dedicação de esforços e tempo junto do estagiário que está num momento

importante da sua formação, nunca se deve querer receber estagiários para substituir o professor orientador, como muitas vezes acontece. O grande propósito é, por isso, ajudar os estagiários no seu desenvolvimento pessoal e profissional independentemente do caminho que estes venham a seguir posteriormente, sendo quase certo que durante a sua caminhada, com o professor cooperante, eles serão certamente conduzidos a seguir o modelo pedagógico que mais vai ao encontro das concepções do professor cooperante. Porém, independentemente das preferências dos professores cooperantes irem num sentido ou noutro, na realidade, não se pode afirmar que existe um tipo de orientação melhor e um pior. Muitas variáveis estão em jogo, inclusive as próprias características dos estagiários.

Para que o acompanhamento aos estagiários seja um processo calmo, realista e não se transforme numa situação demasiado stressante para os estagiários, é importante que se estabeleça, desde logo, uma relação de confiança entre os estagiários e o professor cooperante onde haja a partilha de ideias, a abertura do professor cooperante às opiniões dos estagiários, e destes às críticas relativamente ao seu desempenho e postura durante o processo de ensino. Contudo, esta relação positiva e de confiança de duas pessoas que trabalharam juntas durante vários meses não deixa de ser exigente. Outro aspeto que facilita a estabilidade na relação do professor cooperante com os estagiários é a comunicação e a sinceridade. Deve procurar-se estabelecer um contacto franco e profícuo com os professores em formação antes e depois das sessões de observação informando-os dos resultados das observações para que o próprio estagiário seja capaz de analisar as suas atitudes e de se corrigir desenvolvendo a capacidade de auto-compreensão e regulação. Só o diálogo franco permite o desenvolvimento da necessária relação saudável entre o orientador e o orientado.

Assim sendo, um professor cooperante presente e colaborativo é o que trabalha com os estagiários, disponibilizando-se para os apoiar, questionar as suas opções e fornecendo-lhes *feedback* regulares e mais ou menos imediatos e permitindo-lhes alguma liberdade possibilitando que eles decidam as estratégias escolhidas. Perante a postura que se adota no desafio da supervisão cada professor cooperante pode ou não considerar-se um professor cooperante que se impõe aos seus estagiários, alterando os planos deles e até mesmo interferindo na própria lecionação da aula, ou pouco participativo dando-lhes espaço para aplicarem as suas ideias sem acusações e sem discussões.

O número mínimo e o número máximo de alunos a orientar diferem de ano para ano e pode ser determinado de variadas formas, seja por resolução da universidade, ou por demanda dos orientadores, dos alunos.

7. Reflexões finais

O *locus* da reflexão realizada aponta essencialmente o papel que o professor cooperante, que recebe os estagiários nas escolas, desempenha no processo formativo dos futuros professores, bem como a pertinência do estágio supervisionado.

Efetivamente, o professor cooperante (o orientador de estágio na escola) é um dos responsáveis pelo estágio supervisionado, pois promove orientações educativas ao estagiário e não apenas orientações específicas, atua no campo da prática pré-profissional dos futuros professores e, portanto possui um papel determinante no desenvolvimento dos saberes docentes, mais especialmente nos saberes voltados às ações pedagógicas. É ele que conhece as práticas dos estagiários, que os acompanha, orienta e esclarece, resumindo-se portanto as suas funções "(...) ao verbo ajudar" (Alarcão & Tavares, 2007, p. 56).

O estágio supervisionado é o momento em que o estagiário entra em contato direto com a realidade profissional (problemas e desafios) na qual irá atuar, para conhecê-la e para desenvolver as competências e habilidades necessárias ao futuro exercício profissional (Santa Catarina, 2008, p.4), fazendo a transição de aluno a professor. Na verdade, o estágio "(...) é um momento de formação que pode oportunizar o contato entre a formação e a realidade profissional, entre professor experiente e professor em formação. Este pode ser um momento ímpar de aprendizado e troca entre pares e, portanto, uma experiência importante de socialização profissional e de construção de identidades" (Albuquerque, 2007, p. 84). É efetivamente um momento imprescindível para a melhoria das práticas pedagógicas, pois os estagiários acedem ao contexto real de ensino e vivem experiências que os marcam profundamente (Desbiens, Borges, & Spallanzani, 2013; Tardif & Lessard, 2003).

Nesta caminhada considera-se que o acompanhamento ao estagiário não pode ser uma mera orientação burocrática do processo, dos planos de aula e a "permissão" de idas solitárias às escolas por parte do estagiário. É muito mais abrangente, pois é o de mediador. A experiência de campo dos estagiários deve ser de um tempo considerável para lhes permitir observar, documentar como os profissionais de ensino executam suas atividades e, ainda, elaborar e desenvolver situações de ensino. É o momento de pôr em prática a arte de ensinar (Kennedy, 2006), ou seja, vivenciar as situações reais de ensino no contexto escolar. Portanto, parece não haver dúvidas de que a orientação pelo professor cooperante é de suma importância na formação de um professor em formação e que durante o período em que desenvolvem o seu estágio, estes devem ser chamados a refletir sobre a prática pedagógica, sobre os seus modos de atuação na sala de aula e sobre a sua preparação em termos de conhecimentos científicos e didáticos para a lecionação. Além disso, deverá, igualmente, ser dada aos estagiários, sempre que possível, a possibilidade de corrigir as suas atuações e modificar as ações que considerarem ser menos positivas numa situação de sala de aula semelhante à analisada. As práticas pedagógicas dos estagiários devem ser discutidas no núcleo de estágio, de forma a fomentar uma reflexão

conjunta e uma reflexão individual que oriente uma tomada de decisão por parte dos estagiários, uma assunção de erros e uma complementar responsabilização. Os estagiários deverão ser orientados no sentido de realizar as correções que acharem necessárias para evitar os mesmos erros em situações futuras.

8. Referências Bibliográficas

Alarcão, I., & Tavares, J. (2007). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina.

Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Pedago.

Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A supervisão pedagógica em educação física: a perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.

Albuquerque, S.B.G. de. (2007). *O Professor Regente da Educação Básica e os Estágios Supervisionados na Formação Inicial de Professores*. Dissertação de Mestrado, PUCRio.

Benites, L. C. et al. (2012). Qual o papel do professor-colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na Educação Física?. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 20 (4) 13-25.

Bianchi, A. C. de M. & Alvarenga, M. & Bianchi, R. (2005). *Orientação para Estágio em Licenciatura*. São Paulo: Pioneira Thomson.

Crasborn, F., Hennissen, P., Brouwer, N., Korthagen, F., & Bergen, T. (2011). Exploring a two-dimensional model of mentor teacher roles in mentoring dialogues. *Teaching and Teacher Education*, 27(2), 320-331. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2010.08.014>

Desbiens, J. F., Borges, C., & Spallanzani, C. (2013). *J'ai mal à mon stage. Problèmes et enjeux de la formation pratique en enseignement*. Québec.

Francisco, C. M. (2001). *Contributos da Supervisão para o Sucesso do Desempenho do Aluno no Estágio*. Dissertação de Mestrado. UC-FCEF.

Imbernón, F. (2005). *Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 5º ed. São Paulo: Cortez.

Kennedy, J. (2006). *A study of Learning Environment in the Extended Practicum of a Pre-Service Teacher Education Course at a Catholic University*. School of Graduate study. (Unpublished Dissertation). Australian Catholic University, Austrália.

Lopes, N. & Bastos, A.M. (2017). La práctica de enseñanza supervisada en formación inicial de profesores del 1º ceb: dinâmicas en la UTAD. *Revista Prácticum*, 2 (2), 69-83. Disponível em <https://revistapacticum.com/index.php/iop/article/viewFile/31/76>

Martínez, M.E. & Raposo, M. (2011). Modelo tutorial implícito en el Practicum: una aproximación desde la óptica de los tutores, REDU - *Revista de Docencia Universitaria*, Número monográfico dedicado al

Practicum y las prácticas en empresas, 9 (2), 97-118. Disponível em <http://redaberta.usc.es/redu>.

Pimenta, S. G. & Lima, M. S. L. (2004). *Estágio e docência*. 2. ed. São Paulo: Cortez.

Reis, P. (2011). *Observação de aula e avaliação do desempenho docente*. Cadernos do CCAP – 2. Lisboa: Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

Santa Catarina (2008). Diretrizes para a realização de prática de ensino e de estágio supervisionado de cursos de licenciatura nas escolas de educação básica da rede pública estadual. Florianópolis.

Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Tardif, M., & Lessard, C. (2003). *Le travail enseignant au quotidien*. Bruxelles/Québec.

Trindade, V. M. (2007). *Práticas de Formação*. Lisboa: Universidade Aberta.

Vieira, F. (1993). *Supervisão, Uma Prática Reflexiva de Formação de Professores*. Rio Tinto: Edições Asa.

Zeichner, K. M. (1993). *A Formação Reflexiva do Professor: Idéias e Práticas*. Lisboa Educa.

Legislação

Decreto-Lei 43/2007 de 22 de Fevereiro aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário. Diário da República n.º 38/2007, Série I de 2007-02-22.